

Cadernos Teologia Pública

«Ite, missa est!» A Eucaristia como compromisso para a missão

Cesare Giraudo, SJ

ano VII - número 50 - 2010

INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS




UNISINOS
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS

«Ite, missa est!»

A Eucaristia como compromisso para a missão

Cesare Giraudo, SJ

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

Vice-reitor

José Ivo Follmann, SJ

Instituto Humanitas Unisinos

Diretor

Inácio Neutzling, SJ

Gerente administrativo

Jacinto Schneider

Cadernos Teologia Pública

Ano VII – Nº 50 – 2010

ISSN 1807-0590

Responsável técnica

Cleusa Maria Andreatta

Revisão

Vanessa Alves

Secretaria

Camila Padilha da Silva

Editoração eletrônica

Rafael Tarcísio Forneck

Impressão

Impressos Portão

Editor

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

Conselho editorial

MS Ana Maria Formoso – Unisinos

Prof. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. Dra. Marilene Maia – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Prof. Dra. Vera Regina Schmitz – Unisinos

Conselho científico

Prof. Dra. Edla Eggert – Unisinos – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Faustino Teixeira – UFJF-MG – Doutor em Teologia

Prof. Dr. José Roque Junges, SJ – Unisinos – Doutor em Teologia

Prof. Dr. Luiz Carlos Susin – PUCRS – Doutor em Teologia

Prof. Dra. Maria Clara Bingemer – PUC-Rio – Doutora em Teologia

Prof. MS Maria Helena Morra – PUC Minas – Mestre em Teologia

Prof. Dra. Maria Inês de Castro Millen – CES/ITASA-MG – Doutora em Teologia

Prof. Dr. Rudolf Eduard von Sinner – EST-RS – Doutor em Teologia

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Instituto Humanitas Unisinos

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

A publicação dos Cadernos Teologia Pública, sob a responsabilidade do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, quer ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica em diálogo com as ciências, culturas e religiões de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Busca-se, assim, a participação ativa nos

debates que se desdobram na esfera pública da sociedade. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, especialmente, a exclusão socioeconômica de imensas camadas da população, no diálogo com as diferentes concepções de mundo e as religiões, constituem o horizonte da teologia pública. Os Cadernos Teologia Pública se inscrevem nesta perspectiva.

**«Ite, missa est!»
A Eucaristia como compromisso para a missão**

Cesare Giraudo, SJ

Na literatura exegética, tanto popular quanto científica, encontramos frequentemente páginas que apresentam os profetas do Antigo Testamento e o Jesus dos Evangelhos como investidos da missão de negar, ou pelo menos diminuir, a importância das instituições de culto, em particular a oferta de sacrifícios e a observância do sábado. Uma vez posto em jogo o mérito de uma contraposição real ou presuntiva entre profecia e culto – ou, mais precisamente, entre a dimensão ética, de que o profeta é um defensor, e a dimensão de culto do agir humano – não é por acaso que desejamos iniciar nossa reflexão

com uma olhada em alguns textos sintomáticos de ambos os Testamentos¹.

1. Os profetas e os requisitos para a verdade do culto

A contraposição entre ética e culto figura, sobretudo, no quadro do *rib* ou censura forense que o profeta, em nome de Deus, pronuncia contra Israel². No *rib* com que se abre o livro de Isaías, assim o profeta exprime a

¹ A expressão refere-se ao título de dois livros de P. BEAUCHAMP, *L'Un et l'Autre Testament. Essai de lecture*, Seuil, Paris, 1976; *L'Un et l'Autre Testament. Accomplir les Écritures*, Seuil, Paris, 1990.

² Sobre *rib* profético contra Israel cf C. Giraudo, *La struttura letteraria della preghiera eucaristica. Saggio sulla genesi di una forma*, Biblical Institute Press, Roma 1981, 53-70.

desaprovação divina como resultado dos comportamentos do povo, do indivíduo e da comunidade:

De que me serve a mim a multidão dos vossos sacrifícios? diz o Senhor. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de bezerras; o sangue dos novilhos e de cordeiros e bodes, não me agradam. Quando vindes apresentar-vos perante a mim, quem exige de vós isso, que viésseis pisar os meus átrios? Não continueis a trazer ofertas vãs: a fumaça do sacrifício é um horror para mim. As luas novas, o sábado, a convocação de assembleia: não suporto mais iniquidade e assembleia. As vossas luas novas e as vossas festas, a minha alma as detesta: são para mim um fardo, que estou cansado de levar. Quando estenderdes as mãos, eu retiro os olhos de vós; ainda que multipliqueis as orações, eu não escuto (*Is* 1:11-15a).

A aspereza da acusação, que, à primeira vista, parece envolver diretamente qualquer expressão de adoração, vem explicada, e, portanto, circunscrita, no discurso divino imediato que segue:

As vossas mãos estão cheias de sangue. Lavai-vos, purificai-vos, removi de diante dos meus olhos a maldade das vossas ações. Cessai de fazer o mal, aprendei a fazer

o bem. Buscai a justiça, socorrei o oprimido, fazei justiça ao órfão, defendei a viúva (*Is* 1: 15b-17).

O significado é claro: a condenação não diz respeito às mãos de quem acompanha com a oração uma ação de sacrifício, mas somente àquelas mãos que “estão cheias de sangue, isto é, “[feitas de] sangues”. Aqui o plural *dâmim* [sangues], enquanto deixa transparecer a conotação marcadamente negativa, evoca uma mistura sacrílega entre o sangue dos oprimidos e o sangue dos sacrifícios.

Do mesmo sentido é a interpelação que o profeta Amós dirige ao povo:

Eu detesto, desprezo as vossas festas, e não gosto das vossas reuniões. Ainda que ofereçais holocaustos e ofertas, eu não gosto; e para as vítimas gordas como pacificação, eu não olho. Longe de mim o barulho de teus cantos: o som das tuas harpas não posso ouvir (*Am* 5: 21-23).

A essa notificação da rejeição divina segue, em função da chave de leitura da unidade literária, o enunciado da condição exigida, porque a rejeição se transforma em agrado:

Em vez disso, escorra como água o direito, e a justiça como uma torrente perene (*Am 5:24*)³.

Ainda mais explícita e pitoresca é a exigência que se lê um pouco mais adiante:

Escutai isso, vós que menosprezaste o pobre e exterminaste os humildes da terra, dizendo: “Quando passará a lua nova e poder-se-á vender o grão? E o sábado, para que se possa comercializar o trigo, diminuindo as medidas, e aumentando o preço e usando falsas balanças, para comprar com dinheiro os indigentes e o pobre por um par de sandálias? Venderemos também o refugo do grão!” (*Am 8: 4-6*).

Por não vir explicitada, a sentença não faz esperar. No seu lado positivo, ela afirma que, sem o respeito de todos que estão sob a proteção divina devido à sua incapacidade de defenderem-se sozinhos⁴, nenhuma expressão de culto poderá jamais ser aceita:

O Senhor jura pela honra de Jacó: É claro que não esquecerei jamais seus atos! (*Am 8:7*).

Miqueias tenta resumir os sentimentos que se alojam na mente do povo, do indivíduo e da comunidade, dispostos a tudo, só para verem reconhecida a sua religiosidade e perdoado o seu crime:

Com que me apresentarei diante do Senhor, e prostar-me-ei diante do Deus altíssimo? Apresentar-me-ei a ele com holocaustos, com bezerro de um ano? Agradarão ao Senhor milhares de carneiros e miríades de ribeiros de azeite? Oferecer-lhe-ei talvez o meu primogênito pela minha culpa, o fruto do meu ventre pelo pecado da minha alma? (*Mi 6: 6-7*).

O profeta, colhendo nas preocupações do povo não somente uma dissociação real entre culto e moral, mas a própria substituição do culto pela moral⁵, assim resume em três pontos a exigência da aliança e as condições para uma religiosidade autêntica:

Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o que o Senhor requer de ti: nada mais do que praticar a justiça, amar a coerência, caminhar humildemente com o teu Deus (*Mi 6:8*).

³ O v. sucessivo (“Ofereceste-me vós sacrifícios e oblações no deserto por quarenta anos, ó filhos de Israel?” [*Am 5:25*]) não pode ser tomado literalmente, como se o período do deserto não conhecesse um culto de sacrifício: o que contrariaria, por exemplo, *Es 24:1-11*.

⁴ À luz de *Am 6:8* (“Jurou o Senhor Deus por si mesmo”), a expressão «o Senhor jura pela glória de Jacó» (*Am 8:7*) identifica significativamente Deus com aqueles que veem nele somente o tutor e garantia de sua existência.

⁵ Sobre a relação entre culto e moralidade cf J. \, *La morale de l’alliance*, Gabalda, Paris, 1966. p. 20-28.

2. Jesus e as condições para a observância do sábado

Em uma nota perícopes, relatada pelos três Sinópticos, os Fariseus sublinham uma fracassada observância das prescrições litúrgicas relativas ao sábado:

Naquele tempo, passou Jesus pelas searas em um sábado; e os seus discípulos tinham fome e começaram a colher espigas, e a comer. E os fariseus, vendo isso, disseram-lhe: “Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer num sábado”. Ele lhes disse: “Não lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e os que com ele estavam? Como entrou na casa de Deus, e comeram os pães do óbolo, que não lhe era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas só aos sacerdotes? Ou não leste na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado, e ficam sem culpa? Pois eu vos digo que aqui existe algo maior do que o templo. Se vós compreendésseis o que significa: “Eu quero a misericórdia, e não o sacrifício” [Os 6:6], não condenaríeis os que não têm culpa. Pois que o senhor do sábado é o Filho do homem” (Mt 12:1-8).

A cena enquadra-se em um contexto de emergência em que é apontada a fome dos discípulos (“tinham

fome”) e seu gesto subsequente de mastigarem as espigas. Para os Fariseus, que sublinham a contraposição entre uma ação profana (“colher as espigas”) e o tempo sagrado (de sábado), Jesus responde citando dois casos atestados pelas Escrituras.

O primeiro é um caso de emergência: narra como Davi, fugindo de Saul, “tinha fome” e, apesar de sua condição de homem profano, naquela exata circunstância, podia comer os pães reservados aos sacerdotes (cf. *1Sam* 21:2-7). O segundo é um caso extremo: contempla o fato de que “no sábado, no templo” os sacerdotes “profanavam⁶ o sábado”, no sentido de cumprir as ações que, embora prescritas na Lei (cf. *Lv* 24:8; *Nm* 28:9), continuam sempre ações que, em sua materialidade, opõem-se, ou pelo menos pareciam opor-se, ao repouso do sábado.

Argumentando a partir dos casos referidos, Jesus convida os fariseus a lerem o profeta que diz: “Eu quero a misericórdia, e não o sacrifício” (*Os* 6:6). O dito profético, referido a modo de axioma, afirma que norma suprema, que fundamenta tanto a observância do sábado quanto a oferta dos sacrifícios, é a “misericórdia”. Mas o que é a misericórdia? Não se trata certamente do sentimento comum de piedade, de compaixão ou de comise-

⁶ O verbo aqui traduzido como “profano” é em grego *bebēloun* [passar, passo, profanação], de uma forma intensiva atribuível a *bainein* [caminhar].

ração, mais ou menos como Jesus teve de buscar o entendimento no confronto dos discípulos que estavam com fome. Aqui se deve remontar ao grego *eleos* subjacente à semítica *hesed*, bem atestada no versículo do Antigo Testamento, que significa a coerência da aliança, vale dizer, o vínculo relacional que liga reciprocamente Deus e o homem.

É talvez justamente a essa identidade jurídica que alude à declaração de “que há algo/algum maior que o templo”, em que o sujeito oscila significativamente entre o neutro do texto grego “algo (*meizon*)” e o masculino da Vulgata “alguém (maior)”. Se o “algo” é a situação de emergência criada, isto é, a fome dos discípulos, o “alguém” é inclusivo dos discípulos e daquele que se ergue em defesa deles. Além de regular o tempo da emergência e o tempo da normalidade, a *hesed* deve, sobretudo, velar para que “o templo” não seja mais alto que a fachada de conveniência, nem esteja preso a parâmetro para condenar “aqueles que não têm culpa”. A justificativa final (“Pois que o senhor do sábado é o Filho do homem”) é mais bem compreendida à luz do paralelo que os pressiona: “E ele lhes disse: ‘O sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado; de modo que o Filho do homem é senhor também do sábado’” (*Mt* 2:27-28).

Passemos em seguida à narrativa:

Partindo dali, [Jesus] chegou à sinagoga deles. E eis, estava ali um homem que tinha uma das mãos mirrada; e eles o interrogaram, dizendo: “É lícito curar em sábados?”; diziam para acusá-lo. E ele lhes disse: “Que homem dentre vós será que, tendo uma ovelha, se ela cair numa cova num sábado, não a agarra, e a tira de lá? Ora, um homem é mais valioso que uma ovelha! Portanto, é lícito fazer o bem aos sábados”. Então disse àquele homem: “Estende a mão”. E ele a estendeu, e ficou sã como a outra. Mas os fariseus saíram e entraram em conselho contra ele, para o matarem (*Mt* 12:9-14).

Depois de ter recusado o poder de superar a observância formal do sábado aos discípulos de Jesus em situação de emergência, os fariseus interrogam agora Jesus, antes que aja sobre a legalidade ou não de ele superar pessoalmente a mesma observância formal, contrapondo o tempo sagrado (“de sábado”) a uma ação profana (“fazer-se de terapeuta [*terapeuein*], curar”). Com uma resposta *ad hominem*, isto é, uma resposta que não admite réplica, Jesus censura aos fariseus seu saber dispensar-se sozinho da observância do sábado em uma emergência que envolvesse seu interesse material.

Parafraseada, a resposta de Jesus diz: “Se reconhecesteis a vós mesmos, em caso de necessidade, a au-

toridade de conciliar com o tempo sagrado (“de sábado”) uma ação profana (tirar a ovelha do fosso), fazendo-se de terapeuta da vossa ovelha, porque não desejais reconhecer a mim tal autoridade, agora que está em jogo a vida de um homem?”. Recusando-se a tornar a ler a mensagem do v. 7, isto é, Os 6:6, e de pôr, portanto, em discussão o seu comportamento, os fariseus “entraram em conselho contra ele, para o matarem”.

Frequentemente, trazem-se pretextos das passagens sobre o sábado para sustentar que Jesus tinha eliminado definitivamente a separação entre sagrado e profano, relativizando o culto e identificando-o de fato com a ética do quotidiano. Em vez disso, Jesus, como já os profetas do Antigo Testamento, não faz mais que contrapor-se às conclusões práticas que chegam a uma errada, hipócrita e conveniente instrumentalização do sagrado e da sua expressão principal que é o culto.

3. A dimensão ética na mistagogia rabínica

Embora transmitida pelos escritos relativamente recentes⁷, a prática do batismo dos prosélitos no judaísmo⁸ é preciosa para compreender a dinâmica sacramental do batismo cristão, que, por meio de um sinal conjunto de imersão-emersão, insere quem o recebe no mistério da morte e ressurreição do Senhor. À medida que para o israelita nativo a circuncisão permanece o sacramento prévio de pertença, aquele que o insere no povo eleito, por outro lado, para o prosélito do sexo masculino é previsto, além da circuncisão, um batismo na água, que é exigido também para a mulher prosélita⁹. O batismo dos prosélitos, isto é, daqueles que, provindo do paganismo, desejavam fazer parte do povo eleito, a fim de poderem comer a Páscoa, é indubitavelmente uma instituição rabínica. Mesmo se a Escritura sagrada não fala sobre isso, os

⁷ Tratam-se dos escritos incluídos naquele *corpus iuris* da lei judaica que está sob o nome de *Talmúd* [ensinamento, doutrina], cuja compilação se encontra entre os séculos III e V da era cristã. Do *Talmúd*, que comenta a *Mišná* [tradição oral] e a *G^mmârâ* [complemento], existem duas redações: a de Jerusalém [mais antiga] e a da Babilônia [mais ampla]. Em relação a esse *corpus* de escrituras, é importante não confundir jamais a antiguidade relativa da redação com a antiguidade efetiva do material legado às gerações, enquanto a técnica de transmissão acontece habitualmente por cadeia de tradição.

⁸ Para o batismo dos prosélitos cf S. LÉGASSE, *Baptême juif des prosélytes et baptême chrétien*, in *Bulletin de Littérature Ecclésiastique* 77 (1976) 3-40, que relata também os dois textos que estamos reproduzindo.

⁹ O gesto de batismo, isto é, a purificação na água, é devido ao fato que o paganismo, como idolatria, é a impureza por antonomásia (cf LÉGASSE, *Baptême juif*, 12-15).

rabinos fazem o melhor possível para achar nela algum fundamento¹⁰.

A normativa e a prática do batismo dos prosélitos vêm minuciosamente explicadas no tratado *Yeḇāmôt* [levirático] do *Talmúd Babilônico* e, em paralelo, no tratado *Gērím* [prosélitos]. Dada a pouca notoriedade desses textos, reproduzimo-los em sinopse.

Tratado *Yeḇāmôt* [Levirático]¹¹

Nossos mestres ensinaram-nos: Se alguém está para tornar-se um prosélito, você terá de dizer-lhe de imediato: “Por que você veio a tornar-se um prosélito? Você sabia que os israelitas, nesse momento, estão tristes, oprimidos, perseguidos, roubados e esmagados pelo sofrimento?”. Se ele diz, “Eu sei, e não sou digno [a curva do meu pescoço sob o jugo d’Aquele que disse, e o mundo foi – Bendito seja Deus! –]”, será acolhido imediatamente. Ensinar-lhe-ão alguns dos mandamentos menores e de alguns dos principais preceitos. *Ensinar-lhe-ão também*

o que diz respeito à culpa consequente da inobservância da colheita, do feixe esquecido, e extremidade do campo, e do dízimo dos pobres. Ensinar-lhe-ão as penalidades para a transgressão de tais mandamentos. Dir-se-á a ele: “Saiba que, enquanto você não estava sujeito a essa regra, você poderia comer a gordura, sem incorrer em excomunhão; profanar o sábado sem incorrer no apedrejamento. Mas agora, se você comer gordura, incorre em excomunhão; se profanar o sábado, incorrerá no apedrejamento”. Da mesma forma que lhe forem ensinadas as penalidades para a transgressão dos mandamentos, ensinar-lhe-ão também as dádivas que receberá em recompensa pela sua observância. Dir-se-á a ele: “Saiba que o século futuro não é feito para os justos, e que Israel não pode aceitar, no presente momento, nem a plenitude da felicidade nem do castigo”. No entanto, não necessitará impor-lhe um discurso muito longo nem muito detalhado. Se ele aceita, circuncidar-se-á imediatamente [...]. Uma vez que está curado, será batizado. Dois discípulos de sábios ficarão ao seu lado, e ensi-

¹⁰ Uma revisão do Targum, que complementa o texto bíblico, assim lê *Ex* 12,43-44: “E disse o Senhor a Moisés e a Aarão: Esta é a norma da Páscoa: nenhum filho de estrangeiro poderá comer. E cada escravo comprado com dinheiro, circuncidá-lo-ás e batizá-lo-ás; então poderão comer” (cf *Targum du Pentateuque*, in *Sources Chrétiennes* [= SC] 256, 99). Embora na ausência de uma base real das escrituras, os rabinos esforçam-se para encontrá-la com a exegese midrashica.

¹¹ O tratado *Yeḇāmôt* ocupa-se da lei do levirato (cf *Dt* 25,5-10). O parágrafo aqui reproduzido acha-se no *Talmúd Babli*, *Yeḇāmôt* 47ab (edição de Vilna 1880-1886).

nar-lhe-ão alguns dos mandamentos menores e de alguns dos principais mandamentos. Quando ele for imerso e ascender de novo, então ele vai se tornar um judeu completo. No caso de uma mulher, as mulheres vão colocá-la na água até o pescoço, e dois discípulos dos sábios assisti-la-ão do lado de fora. Ensinar-lhe-ão alguns dos mandamentos menores e alguns dos principais mandamentos.

Tratado Gērīm [Prosélitos]¹²

Se alguém está por tornar-se um prosélito, não se o acolherá imediatamente. Começar-se-á por dizer-lhe: “Por que você está para se tornar um prosélito? Na verdade, você vê que esse povo é oprimido, curvado e humilhado mais que todos os outros povos; doenças e sofrimento o afligem; os judeus sepultam seus filhos e netos, e são condenados à morte por causa da circuncisão, do batismo e de todos os outros mandamentos. Eles não têm o direito de praticar sua religião, como todos os outros povos.” Se ele diz: “Eu não sou digno [de curvar o meu pescoço sob o jugo d’Aquele que disse, e o mundo existiu - Bendito seja Deus! -]”, então ele será recebido de ime-

diato, [de outra forma], deixar-se-á ele partir, e ele partirá. Se ele aceitar, far-se-á ele descer ao batistério. Enquanto a água o cobre até o abdome inferior, *recitam-se-lhe alguns pontos dos mandamentos, pois a condição [para se tornar um prosélito] é que ele cumpra os requisitos relativos ao feixe esquecido, à colheita e ao fim do campo, e ao dízimo dos pobres.* Da mesma maneira que se dirigem essas palavras a um homem, a uma mulher dir-se-á que [não pode tornar-se prosélita] senão na condição de observar rigorosamente as leis que concernem à menstruação, à oferta da massa e ao acendimento do lúmen [Sabático]. Uma vez que [os candidatos] serão imersos e ascenderão novamente, dirigir-se-ão a eles palavras doces e confortantes: “A quem tu te juntaste, afortunado que és? A Aquele que disse, e o mundo existiu - Bendito seja Deus! -. Na verdade, ele não criou o mundo, senão para Israel. Somente os filhos de Israel receberam de Deus o nome de filhos, e ninguém é querido por Deus fora de Israel. Todas essas palavras que te dissemos, dissemos-te para aumentar a tua recompensa.”

As palavras dirigidas ao candidato almejam, desde o início, verificar sua intenção. Somente depois de

¹² O pequeno tratado *Gērīm*, que se ocupa da legislação concernente aos prosélitos, pertence a um grupo de sete tratados menores posteriores ao *Talmūd*. Foi publicado, traduzido e comentado por G. POLSTER, *Der kleine Talmudtraktat über die Proselyten*, in *Angelos*, 2 (1926) 2-38. Para a passagem aqui reproduzida (1,1-8) cf pp. 2-5; 18-26.

uma acurada investigação da parte de quem acolhe, e uma adesão formal da parte de quem é acolhido, inicia-se a preparação para o batismo, que consiste em informar ao candidato sobre mandamentos que deverão respeitar se abraçarem a nova fé. Uma vez que são bastante numerosos, quem se encarrega da sua formação deverá dar-lhes um ensinamento sucinto, abstendo-se de “impor-lhes um discurso muito longo e muito detalhado”. Sem entrar no mérito da distinção entre “preceitos leves (*mišwôt qallôt*)”, isto é, menores, e “preceitos pesados (*mišwôt ḥamûrôt*)”, isto é, maiores, sobre cuja classificação os próprios rabinos evitam pronunciar-se, consideramos importante a ênfase explícita de algumas delas. Sabemos que as “palavras” confiadas a Moisés sobre as duas tábuas, embora sendo dez¹³, são redutíveis a duas, como, por outro lado, confirma a discussão de Jesus com os doutores da Lei (cf *Mt 22:34-40; Lc 10:25-28*) ou com o escriba (cf *Mc 12:28-34*). Ora, não é casual o fato de que o ensinamento dado ao candidato prosélito insista sobre mandamentos da segunda tábua, aqui evocados a partir de “aquilo que concerne a culpa consequente da inobservância da colheita, do feixe esquecido e da extremidade do campo e do dízimo do pobre”.

O fundamento bíblico de tais prescrições é amplamente documentado. A linguagem que o exprime é concreta, vigorosa e envolvente. Em uma lista de prescrições de culto e de moral, que repercutem o decálogo, dão-se normas precisas acerca do modo de segar e colher:

Quando colherdes os frutos da vossa terra, não acabareis por colher na borda de teu campo, nem colherás as espigas caídas da sua colheita. Não espoliarás a tua vinha, nem colherás o que cai fora de seu vinhedo: deixá-los-ás para o pobre e para o estrangeiro (*Lv 19:9-10*).

Em uma lista de medidas tomadas para proteger os fracos, juntam-se à norma precedente, aqui retratada, até as precauções que se deverá ter no sacudir a oliveira:

Quando segares a tua colheita no teu campo e esqueceres um feixe no teu campo, não voltarás a pegá-lo: será para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva, para que o Senhor, teu Deus, te abençoe em toda a obra das tuas mãos. Quando sacudires a tua oliveira, não voltarás para colher o fruto dos ramos: será para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. Quando vindimares a tua vinha, não a esvaziarás para ti: será para o estrangeiro, para o órfão e para a viúva. Recorda-te que foste escravo na terra do Egito; portanto eu te ordeno que ponhas em prática esta palavra (*Dt 24:19-22*).

¹³ Para a designação dos mandamentos como as “dez palavras” cf. *Es 34:28; Dt 4:13; 10:4*.

Um texto semelhante aos precedentes é ainda mais explícito ao identificar os direitos do próximo com os direitos de Deus. Aqui o Autor Sagrado não se contenta em apresentar os mandamentos que dizem respeito ao próximo como “todos os mandamentos”, mas designa aquele que pertence à categoria dos pobres – incluindo até mesmo o levita, que é aquele que não herdará uma terra – como “a coisa santa”, melhor ainda, “a santidade (*haqqōdeš*)”:

Quando terminares de separar todo o dízimo da tua colheita, no terceiro ano que é o ano do dízimo, e darás ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, para que comam na tua cidade e estejam saciados, então dirás ante o Senhor teu Deus: “Tirei de minha casa a coisa santa, e dei-as na verdade ao levita, ao estrangeiro, ao órfão e à viúva, segundo todos os mandamentos que me ordenaste. Não transgredi nenhum dos teus mandamentos, nem os esqueci” (*Dt 26:12-13*).

Em suma, aquele que por intermédio do banho batismal deseja tornar-se prosélito deverá preocupar-se

com a prática sobretudo dos mandamentos que dizem respeito ao próximo, porque sua observância já é garantia da prévia observância dos mandamentos que dizem respeito a Deus. Além desse ensinamento de transmitir a qualquer um que deseja ser um prosélito, o tratado *Gērīm* acrescenta três específicos deveres que dizem respeito à mulher: a observância da pureza ritual, a atenção de colocar a oferta da massa¹⁴ e a diligência no acendimento do lume sabático¹⁵.

Depois da catequese sobre a observância dos mandamentos, assim como os castigos e recompensas reservadas, respectivamente, aos faltosos e aos cumpridores, e depois da circuncisão prevista para o prosélito do sexo masculino, tem lugar, em um local apropriado que a recensão *Gērīm* chama “casa do batismo (*bêt haṯṯe bîlâ*)”, o lavacro batismal. Na recensão *Yeḇāmôt*, vemos intervir, de acordo com os ministros do sacramento, um par de mestres designados através da locução “dois discípulos de sábios”. Seu dever é ajudar o batizando a formular sua profissão de fé pessoal. Para evitar ao candidato a apre-

¹⁴ Para a normativa a cerca da «oferta da massa» cf *Nm 15:17-21*.

¹⁵ O acendimento do lume sabático, originariamente limitado aos muros domésticos e confiado à mãe de família, foi mais tarde incorporado à liturgia da sinagoga. Daqui, passou à liturgia cristã, na forma tanto do lucernário de vigília do sábado quanto da solene vigília pascal. Sobre a liturgia da luz cf C. GIRAUDO, *Esta é a noite da qual foi escrito: “E a noite será minha luz!”*. *Le ascendenze biblico-giudaiche dell’«Exultet»*, in *Rassegna di Teologia* 25 (1984) 113-131; 227-243.

ensão que poderia sentir diante da exigência de ter de recitar uma longa fórmula não facilmente memorizável, os dois ministros assistentes recitam-na em seu lugar, de modo que ele não precise fazer mais do que aderir a ela mentalmente. O papel dos dois ministros permanece também no caso de uma mulher, pela qual recitam a profissão de fé “do lado de fora”, enquanto “as mulheres serão submersas na água até o pescoço”.

Na recensão *Gārīm*, que pressupõe a circuncisão, mesmo se não a menciona, toda a atenção converge sobre o rito batismal, que ambas as recensões exprimem por intermédio da sequência de “entrar e sair (*ṭabal w^e ʕalah*)»¹⁶. É importante notar que a récita dos mandamentos da segunda tábua, previamente aprendidos, intervêm agora como porção constitutiva da profissão de fé. Em outras palavras, é como se o candidato, professando a sua fé, compromettesse-se unicamente a observar os mandamentos que dizem respeito ao próximo. Assim fazendo, ele reconhece haver aceitado plenamente a mensagem que lhe foi transmitida, ou seja, que a ética hori-

zontal, de certo modo, abrange a ética vertical. Professando a sua vontade de relacionar-se com o pobre, o batizando sabe estar já relacionado a Deus.

4. A dimensão ética na mistagogia patrística.

Em paralelo com o batismo de prosélitos, a que nos referimos para ilustrar a relação entre ética e culto no judaísmo rabínico, damos agora uma olhada no âmbito patrístico, limitando-nos propositalmente a poucas e sóbrias exemplificações.

Explicando o batismo a seus interlocutores pagãos, o apologista Justino preocupa-se em sublinhar o novo comprometimento que o neófito assumiu. Na minuciosa descrição do rito, ele especifica que os “pedidos comuns (*konai euchai*)” feitos imediatamente depois do lavacro sobre “aquele que foi iluminado” objetivam obter a graça que todos os batizados comportam “de bons cidadãos por causa das obras”:

¹⁶ O verbo *ṭabal*, o primeiro do par semântico, oscila entre o significado de “mergulhar” e de “imersão”. Enquanto a primeira conotação designa tecnicamente os dois mergulhos rituais previstos para a ceia pasqual, a segunda aplica-se à imersão do batizando na água. Nesse sentido, isso recobre todas as nuances dos verbos gregos *baptein* e *baptizein* [imersão, submergir]. O verbo *ʕalah*, segundo o par semântico, significa “subir, subir de novo”. A sequência resultante do emparelhamento dos dois verbos, se já explica bem o batismo dos prosélitos, torna-se brilhante para entender que, com o batismo cristão, estamos imersos na morte do Senhor Jesus para emergir com ele à vida nova.

Nós, depois que lavamos, desse modo, aquele que creu e que se agregou, o conduzimos àqueles que são chamados irmãos, ali onde estão reunidos. Nós fazemos pedidos comuns com firmeza para nós mesmos, e pelo iluminado, e por todos os outros onde quer que estejam, a fim de que, tendo aprendido as coisas verdadeiras, possamos ser considerados bons cidadãos por causa das obras e observadores dos mandamentos, de modo a sermos salvos para a salvação eterna¹⁷.

Por sua vez, o compromisso ético contratado com o batismo prolonga-se e intensifica-se por meio da participação na Eucaristia dominical. Eis algumas palavras cheias de significado:

E este alimento, nós o chamamos de Eucaristia; e a ninguém se consente participar, exceto aquele que crê serem verdadeiras as coisas que nos foram ensinadas e que foram lavadas no lavacro para a remissão dos pecados e para a regeneração, e que vive como Cristo pregou. [...] Depois disso, para o resto [de nossa vida] sempre fazemos memória entre nós dessas coisas; e quantos de nós têm [bens] vêm em ajuda a todos que são abandonados, e sempre nos socorremos mutuamente. [...] Aqueles, pois, que estão na abundância e desejam [dar], dão discretamente aquilo que cada um deseja, e o que é recolhido vem depositado próximo àquele que preside;

e ele mesmo presta socorro aos órfãos e às viúvas, e a quem for negligenciado por doença ou por outra causa, e aqueles que estão no cárcere, e aqueles que residem temporariamente como estrangeiros: em poucas palavras, [ele] torna-se provedor para todos aqueles que estão em necessidade¹⁸.

O ritual da *Tradição Apostólica* demora-se longamente sobre a condição de quem pede o batismo. Trata-se de uma investigação obstinada, feita pelos doutores, em estreita analogia com o que foi observado para o batismo dos prosélitos no judaísmo. A passagem que citamos aqui na tradução chegou até nós mediante algumas versões orientais de um original grego perdido.

Aqueles que se apresentam pela primeira vez para ouvir a palavra são imediatamente conduzidos à presença dos doutores, antes que todo o povo entre, e são questionados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé; e dão testemunho deles aqueles que os tenham apresentado, [para saber] se têm capacidade de ouvir a palavra. Além disso, são questionados sobre a qualidade de sua vida: se tem uma mulher ou se é um escravo. Se alguém é escravo de um crente, e se o seu proprietário o permite, então poderá escutar a palavra. Se o proprietário não dá um bom testemunho em seu nome, será rejeitado. Se

¹⁷ GIUSTINO, *Prima Apologia* 65,1, in SC 507, 302-303.

¹⁸ GIUSTINO, *Prima Apologia* 66,1; 67,1; 67,6-7, in SC 507, 304-311.

o seu proprietário é pagão, ensina-o à vontade de seu proprietário, para que não seja motivo de difamação. Se um homem tem uma mulher, ou se uma mulher tem um marido, ensine-lhes a ambos contentarem-se, o marido com sua mulher e a mulher com seu marido. Se não vive com uma mulher, ensine-o a não fornicar, e casar-se segundo a lei, ou permanecer como está. Se alguém é possuído pelo demônio, não ouve a palavra do ensinamento até que seja purificado. São examinadas as obras e as profissões daqueles que se apresentam para serem instruídos [para saber] em que condição se encontram¹⁹.

Abaixo seguem numerosas exemplificações das condições, dos comportamentos e das profissões não compatíveis com a fé cristã, que, não obstante, traçam uma panorâmica concreta dos estratos sociais em que se difundia a nova fé.

Se alguém gere uma casa de prostituição: pare ou seja rejeitado. Se alguém é escultor ou pintor, advirta-o para não fazer mais ídolos: pare ou seja rejeitado. Se alguém é um ator e faz *performances* no teatro: pare ou seja rejeitado. Quem ensina as crianças, é bom parar, mas se ele não tem outro emprego, seja-lhe concedido. Igualmente, o auriga que compete e aqueles que participam

dos jogos: parem ou sejam rejeitados. O gladiador, o treinador de gladiadores, o caçador que nos circos caça aos animais, o funcionário que organiza os jogos de gladiadores: parem ou sejam rejeitados. Quem é sacerdote dos ídolos ou guardião de ídolos: pare ou seja rejeitado. O militar subordinado não mata ninguém; se recebe tal ordem, não a execute e não preste um juramento; se não quiser, deve ser rejeitado. Quem tem o direito de espada, ou magistrado de uma cidade que usa a púrpura: parem ou sejam rejeitados. O catecúmeno ou fiéis que querem se alistar no exército: são rejeitados, porque desprezaram Deus. A prostituta, os lascivos, o dissoluto ou o autor de uma ação infame: são rejeitados, porque são impuros. O mago não é nem mesmo levado em exame. O encantador, o astrólogo, o adivinho, o intérprete de sonhos, o charlatão, o falsário, o fabricante de amuletos: parem ou sejam rejeitados. A concubina de alguém, se é sua escrava, se criou seus filhos e tem relações apenas com ele, seja admitida, caso contrário seja rejeitada. Quem tem uma concubina, pare e tome uma esposa segundo a lei; se não quiser, seja rejeitado. Se tivermos omitido algo, essas condições mesmas vos instruirão. Todos, na verdade, temos o espírito de Deus²⁰.

¹⁹ B. BOTTE (ed.), *La Tradition Apostolique de Saint Hippolyte. Essai de reconstitution*, Aschendorff, Münster Westfalen 1963, 32-35.

²⁰ BOTTE, *La Tradition Apostolique*, 34-39. A pressão moderada sobre os professores para que abandonassem sua profissão parece devida ao fato de que o seu ensinamento baseava-se necessariamente sobre a literatura pagã.

O que dizer dessa lista de situações? É apenas uma lista de impedimentos canônicos? Diria que é muito mais. Basta invertê-la para lerdes contraluz a novidade de vida exigida pela condição dos que optaram por tornarem-se cristãos, uma novidade – repetimos – evidenciada sobretudo em relação aos mandamentos a respeito do próximo.

Mais adiante, falando da preparação imediata para o batismo, resumo os critérios fundamentais que consentirão uma avaliação exata do candidato. Trata-se ainda, não por acaso, dos mandamentos da segunda tábua:

Quando se escolhem aqueles que devem receber o batismo, examina-se a sua vida: se viveram em honestidade quando eram catecúmenos; se honraram as viúvas; se visitaram os enfermos; se fizeram toda boa obra. Se aqueles que apresentaram testemunho em seu favor, [dizendo]: “Ele tem feito assim”, então escutam o Evangelho²¹.

5. Eucaristia e ética: «Ite, missio vestra est!»

O vínculo indissolúvel entre culto e compromisso ético é documentado de modo inequívoco pela *intercessão* de fórmulas eucarísticas. As *intercessões*, como sabemos, constituem a súplica que segue imediatamente a *epiclesse sobre comunicação*, com o fim de estender a pergunta fundamental para a transformação “em um só corpo” a quantos não estiverem fisicamente presentes. Dado que em cada celebração eucarística toda a Igreja é envolvida, é necessário mencionar cada porção de Igreja — da Igreja hierárquica, da Igreja que reside na quotidianidade do mundo, da Igreja que purga, da Igreja triunfante — porque cada grupo e cada indivíduo tem a sua parte no processo da nossa sempre ulterior transformação no corpo místico²².

O pedido de transformação “em um só corpo” é, portanto, a constante que atravessa e permeia todas as *intercessões*²³. O que se pede na *intercessão pela Igreja*

²¹ BOTTE, *La Tradition Apostolique*, 42-43.

²² Para o texto e o comentário da anáfora de São Basílio, que é amplamente referido neste desenvolvimento, cf. C. GIRAUDO, “*In unum corpus*”. *Trattato mistagogico sull'Eucaristia*, San Paolo, Cinisello Balsamo, 2007 (2.^a edizione), 313-330.

²³ Sobre a afinidade temática e sobre a diferença estrutural entre as *intercessões* anafóricas e a intenção da oração dos fiéis cf. l'*excursus* «Le intercessioni della preghiera eucaristica e le intenzioni della preghiera dei fedeli: un diverso modo di impegno orante», in C. GIRAUDO, *Pregchiere eucaristiche per la Chiesa di oggi. Riflessioni in margine al commento del canone svizzero-romano*, Gregorian University Press, Roma, 1993, 220-224.

universal, ou seja, pelo papa, pelo bispo, pelos sacerdotes, pelos diáconos e por todo o povo de Deus? Que sejam transformados sempre mais “em um só corpo”. O que se pede na *intercessão para a cidade* e para o mundo em que vivemos? Que os seus habitantes sejam transformados “em um só corpo”. O que se pede na *intercessão pelos Mortos*? Que também eles sejam transformados sempre mais “em um só corpo”.

Nós devemos, porém, pensar que as *intercessões* preocupam-se somente com angústias espirituais, concernentes ao nosso progressivo aperfeiçoamento e à felicidade final. Estão, ao contrário, fortemente enraizadas na nossa condição terrena, cheirando à praticidade e à humanidade. Observamo-las sobretudo nas anáforas orientais. Exemplar desse propósito é a anáfora bizantina de São Basílio, que assim formula a *intercessão da Igreja no mundo*:

Lembrai-vos, Senhor, *das pessoas à sua volta* e daqueles que, por justa causa, foram omitidos e tende misericórdia deles e de nós de acordo com a abundância da vossa misericórdia: enchei suas despensas de todo o bem; mantende a sua *união conjugal* em paz e harmonia; elevai as *crianças*, educai os jovens, fortificai os anciãos; consolai os fracos de espírito, reuni os *dispersos*,

reconduzi os *errantes* e ligai-os novamente à vossa Igreja santa, católica e apostólica; libertai aqueles que estão *aflicidos por espíritos impuros*, e com os *marinheiros* navegai, com os *que caminham*, caminhai junto; cuidai das *viúvas*, protegei os *órfãos*, libertai os *prisioneiros*, curai os *doentes*; recordai *daqueles que estão nos tribunais, nas minas, no exílio, na escravidão dura e em cada tribulação e necessidades, e agitação*, lembrai-vos, ó Deus, mesmo daqueles que precisam de sua grande compaixão, daqueles que *nos amam* e aqueles que *nos odeiam*, e *daqueles que pediram a nós, indignos, para orar por eles*. E lembrai-vos também de todo o teu povo, Senhor, nosso Deus, e sobre todos derramai abundância da vossa misericórdia, dando a todos consentimento aos pedidos de salvação, e *daqueles cuja lembrança não fizemos* por ignorância ou esquecimento ou pela abundância de nomes: também recordai-vos, Deus, que de cada um conhece a idade e o nome, que conhece cada um desde o ventre de sua mãe. Tu, de fato, Senhor, é a cura *daqueles que são negligenciados*, a esperança dos *desesperados*, o salvador de *todos os que estão agitados*, o porto dos *navegantes*, o médico dos *doentes*, sois vós para todos eles, vós que conheceis cada um, e seu pedido, a sua casa e a sua necessidade. E liberai, Senhor, esse rebanho, e *toda a cidade e região*, da *fome*,

da *peste*, do *terremoto*, do *navrágio*, do *fogo*, da *espa-da*, e da *invasão estrangeira* e da *guerra civil* [...] ²⁴.

Os pedidos são detalhados, o tom cordial, sinal da sinceridade e do envolvimento emocional da assembleia. Se a primeira impressão é que se trata de uma oração datada, vinculada a situações que, para nós, estão distantes no tempo, uma observação mais atenta convencer-vos-á de que é verdade o oposto. Traduzindo a mesma oração em formulação hodierna, podemos fazê-la nossa sem o mínimo de esforço: até nós temos ameaças à nossa saúde, por exemplo, pelas pandemias periódicas, pelas doenças profissionais, pela poluição; também estamos preocupados com terremotos, pelos riscos que expõem o desequilíbrio hidrogeológico, pela insegurança do emprego, pela fragilidade das uniões conjugais, pela incerteza do futuro das gerações jovens, desorientadas e inquietas.

Se em seguida tentamos sair do egocentrismo da sociedade do bem-estar, que, afortunadamente, não sabem mais o que é a precariedade da existência ligada aos cataclismos sazonais e à consequente carestia, científica-

mo-nos de que uma parte consistente da humanidade do terceiro milênio, aquela a quem toca nascer em países eternamente sofrendores, não têm dificuldade em associar-se àqueles fiéis que, em cada Eucaristia, repetiam: “Recordai de quantos entre nós sofrem com a fome!”.

O exercício de modernizar o texto dessa antiga *intercessão pela Igreja no mundo* levar-nos-á em seguida a reconhecer que, não obstante os progressos da sensibilidade que fizeram nascer aquilo que chamamos o “status social”, muitos grupos continuam a ser mal suportados, marginalizados, explorados. O órfão e a viúva, um dia emblemas da pobreza, não encontraram talvez uma nova edição enquanto as borrascas da vida os deixavam sós, pobres financeiramente ou pobres de afetos? Os “estrangeiros residentes”, nomeados mais adiante, não são talvez os nossos imigrantes, extracomunitários ou não? Aqueles que vivem nas minas não são hoje os trabalhadores ilegais dos nossos países, ou as mulheres, os homens, as crianças, forçados a trabalhar por salários miseráveis, em condições intoleráveis, lá onde o trabalho não conhece nenhuma proteção?

²⁴ Para o texto e o comentário dessa intercessão cf. GIRAUDO, *In unum corpus*, 327. A amplitude e a intensidade dessas *intercessões* parecem ecoar o título do célebre escrito do jesuíta francês Pierre Teilhard de Chardin, «La Messa sul mondo», a qual – mas sem mencionar – indubitavelmente aludia a João Paulo II, recordando-se que “a Eucaristia é sempre celebrada, em certo sentido, sobre o altar do mundo” (*Ecclesia de Eucharistia*, n. 8, in *Enchiridion Vaticanum* [= EV] 22, § 222).

A *intercessão pela Igreja no mundo*, tal qual figura na recensão alexandrina da anáfora de São Basílio, estimula ulteriormente a nossa reflexão:

Lembrai-vos, Senhor, também da salvação de nossa cidade, e daqueles que, na fé em Deus, habitam-na. Lembrai-vos, Senhor, do clima e dos frutos da terra. Lembrai-vos, Senhor, da chuva e das sementes da terra. Lembrai-vos, Senhor, do crescimento medido da água dos rios. Alegrai novamente e renovai a face da terra: inebria os seus sulcos, multiplica os seus brotos; produz o que deve ser para a semente e para a colheita [...]. Governa a nossa vida: *bendiz o ciclo do ano com a tua benevolência, a causa dos pobres de teu povo, a causa da viúva e do órfão, a cauda do estrangeiro de passagem e do estrangeiro residente, a causa de nós todos que esperamos em ti e invocamos o teu santo Nome: uma vez que os olhos de todos te esperam, e tu dás a eles a nutrição no tempo devido [...]. Enche de felicidade e de alegria os nossos corações, porque tendo sempre e em qualquer lugar o necessário, abundamos em cada boa obra, para fazer a tua santa vontade*²⁵.

A Assembleia que, com simplicidade desarmante, apenas pediu a Deus que se recordasse das “sementes da terra” e de multiplicar “as suas sementes”, tem de especi-

ficar que esta pergunta é ordenada pelo seu dever de assumir que não há o necessário para viver. Aquele Padre que, já a partir do Antigo Testamento, tinha ordenado ao crente, usando fórmulas análogas, de amar o próximo como a si mesmo (cf. Mt 22:31), não assume a tarefa de intervir com meios extraordinários e resolver todos os nossos problemas; não deseja espectadores, seja apenas para admirar, do seu agir. Ele nos deu olhos para ver, orelhas para ouvir, mãos para trabalhar. Os nossos olhos devem ser aqueles com os quais Deus vê a necessidade, as nossas orelhas aquelas com que Deus escuta os lamentos, as nossas mãos aquelas de que Deus se serve para vir em socorro, o nosso braço aquele com o qual Deus oferece seu apoio a quem cansa de caminhar sozinho. Essa é a sua “santa vontade”, cuja realização nos “enche de alegria e júbilo”. Por isso, na nossa Eucaristia pedimos sua ajuda, para ter o que dar, mas também e sobretudo para obter sua atenção e a sensibilidade indispensável para despender todos os dias no trabalho.

As *intercessões* da oração eucarística, particularmente detalhada em ambas as recensões da anáfora de São Basílio, convidam-nos a refletir sobre a relação que intercorre entre a liturgia e comprometimento ético, ou

²⁵ Para o texto e o comentário dessa intercessão cf. GIRAUDO, *In unum corpus*, 315; 325-327.

seja, entre oração e ação. Trata-se de dois modos complementares e estreitamente interdependentes de viver a fé: sem liturgia é difícil que se dê comprometimento ético; sem comprometimento ético é impossível que ali esteja verdadeira liturgia. A oração avulsa do comprometimento ético é um vanilóquio, uma procura egoísta de segurança e bem-estar psicológico, uma ilusão, um autoengano.

Se aquilo que vale para cada momento litúrgico, vale com mais razão para a Eucaristia, que a tradição das Igrejas bizantinas chama “a Divina Liturgia”, ou seja, a liturgia por excelência. De fato, a transformação em “um só corpo”, que a *epiclese* exige e as *intercessões* prolongam e expandem, é vertical e horizontal a um só tempo. A dimensão vertical, ou seja, a nossa tensão e atenção a Deus, encontra sua natural confirmação na dimensão horizontal, ou seja, na nossa tensão e atenção àqueles de que nós deveríamos ficar próximos.

Entrando na igreja, trazemos toda a experiência de alegria e de angústia do mundo, para vivê-la no mais alto grau naquela relação especial com Deus e os outros que é a celebração eucarística. Saindo da igreja então, nós trazemos para o quotidiano todos os compromettimentos assumidos e reassumidos no ritmo da nossa Eu-

caristia. Se, ao entrarmos na igreja, levarmos conosco as preocupações nossas e do mundo, é inútil que entremos nela. Igualmente, se, saindo da igreja, não levarmos conosco compromettimentos específicos da vida pessoal, familiar, profissional, civil e eclesiástica, é inútil entrarmos nela, já que uma Eucaristia sem a vontade de assumir compromettimentos éticos – sobretudo em relação ao próximo – é, para quem participa dela, uma Eucaristia nula. Sem compromettimentos efetivos, o culto continua a ser uma distração conveniente, um culto vazio, um arremedo de culto. Se nós, como indivíduos e como comunidade, de segunda a sábado, não sabemos nos comprometer efetivamente com a causa dos pobres, nesse caso, a nossa oração na igreja de domingo será uma oração farisaica. Nesse caso, encontrar-nos-emos, talvez com surpresa, no número daqueles cristãos que um provérbio malgaxe descreve como “Cristãos de domingo que roubam galinha na segunda-feira”²⁶.

Sabe-se que o quarto evangelista isentou-se de contar-nos a instituição da Eucaristia. Todavia, João, no capítulo 6 de seu Evangelho, deixou-nos preciosos pontos para meditação sobre o pão de vida. Além disso, com o conto do *lava-pés* (Jo 13: 1-15) convida-nos a prou-

²⁶ Na língua malgaxe: «Kristiàнина alahàdy, ka mangàlatra akòho alatsinàiny».

gar no nosso quotidiano os compromissos decorrentes da fé eucarística.

Na tradição romana, a missa encerrava-se sempre com palavras que todos sabiam de cor: “Ite, missa est”. Trata-se de uma fórmula problemática, sobre a qual os intérpretes se debruçam ao longo dos séculos²⁷. Aqui, apoiamo-nos sobre a explicação espiritual, repetidamente proposta e mais estimulante para nós, aquela que entende o enigmático termo *missa* à luz do *dimissio* ou *missio*, no sentido de “envio em missão”. Essa escolha – com exceção da credibilidade ou do nexu etimológico – permitir-nos-á chegar a uma conclusão teologicamente certa. Portanto, o ministro responsável – o sacerdote ou o diácono –, no momento de dissolver a assembleia, não se limitará a uma informação de cortesia, mas dirigirá, a cada um, um comando específico que soa assim: “Ide realizar a missão para a qual vós sois comprometidos perante vós mesmos e perante a Igreja!”. Os textos bíblicos, rabínicos, patrísticos e litúrgicos que examinamos dão-lhe razão.

Entre as proposições que foram apresentadas à atenção de Bento XVI no sínodo dos bispos sobre a Euca-

ristia há uma cujo título é “Ite, missa est”, e que assim relata:

Para tornar mais explícita a relação entre Eucaristia e missão, que pertence ao coração deste Sínodo, prepararam-se novas fórmulas de despedida (bênção solene, oração sobre o povo ou outra) que destacarão a missão no mundo dos fiéis que participaram da Eucaristia” (Proposição 14)²⁸.

Colhendo esta solicitação dos bispos, o Pontífice assim se expressou na carta apostólica pós-sínodo:

Finalmente, desejo ater-me sobre quanto os Padres do sínodo disseram acerca da saudação de despedida ao término da celebração eucarística. Depois da bênção, o diácono ou o sacerdote despede o povo com as palavras: *Ite, missa est*. Nessa saudação, é-nos dado entender a relação entre a Missa celebrada e a missão cristã no mundo. Na antiguidade, *missa* significava simplesmente “renúncia”. Todavia, encontrou no uso cristão um significado mais profundo. A expressão “renúncia”, na realidade, transforma-se em “missão”. Essa saudação exprime sinteticamente a natureza missionária da Igreja. Portanto, é bom ajudar o povo de Deus a apro-

²⁷ Para um exame das várias etimologias propostas do termo “missa” (hebraica, grega, latina), e para uma ampla bibliografia sobre essa verdadeira “*crux interpretum*”, cf. C. BALZARETTI, «*Missæ*». *Storia di una secolare ricerca etimologica ancora aperta*, Edizioni Liturgiche, Roma 2000.

²⁸ *Proposizioni del Sinodo sull'Eucaristia* (22 outubro 2005), in *EV* 23, 1114.

fundar essa dimensão essencial da vida eclesial, trazendo o ponto de partida da liturgia. Nessa perspectiva pode ser útil dispor de textos, oportunamente aprovados, para a oração sobre o povo e a bênção final que explicitam tal vínculo²⁹.

Um sincero convite a verificar pessoalmente a autenticidade da narrativa que vincula a *lex orandi* à *lex agendi*, isto é, o culto à vida, vem de Giovanni Crisóstomo. Não obstante a magnitude do texto, não podemos dispensar-nos de reproduzi-lo como conclusão de nossa reflexão:

Desejai honrar o corpo de Cristo? Não o negligencie quando estiver nu. Não o honre aqui [na igreja] com vestes de seda, enquanto fora o negligencia quando sofre o frio e a nudez. Aquele que disse “Este é o meu corpo” [Mt 26:26] confirmando o fato com a palavra, é o mesmo que disse “Me viste com fome e não me deste de comer” [Mt 25:35] e “Cada vez que não fizestes essas coisas a um dos pequeninos, não o fizeste a mim” [Mt 25:45]. Este [corpo que está na igreja] não necessita de vestimenta, mas de uma alma pura; ao contrário, aquele [que está fora] tem necessidade de muito cuidado. Aprendemos, portanto, a raciocinar e a honrar Cristo como ele deseja. De fato, a honra mais apreciada por

aquele a quem desejamos honrar é aquela que ele deseja, não aquela que nós pensamos. Até Pedro cria honrá-lo, quando impedia-lhe de lavar-lhes os pés; mas aquilo que queria não era honra, porém o oposto. Assim também tu rendes-lhe aquela honra que ele ordenou, doando a tua riqueza aos pobres. Deus não necessita de vasos de ouro, mas de almas de ouro. Não digo isso para impedir-vos de fazer semelhante doação [à igreja]; mas para pedir-vos para dar, com aqueles e antes deles, a esmola. De fato, [Deus] aceita as doações [à igreja], mas mais ainda aquelas [feitas aos pobres]. No primeiro caso, tem vantagem somente quem oferece, no segundo, ao contrário, também quem recebe. Aqui a doação poderia ser ocasião de ostentação; lá, ao contrário, é somente caridade e amor. Que vantagem poderia ter [Cristo], se a sua mesa está cheia de cálices de ouro, enquanto ele próprio é consumido pela fome? Primeiro, sacia o faminto, e, depois, orna a sua mesa com o que resta. Faze [a ele] um cálice de ouro e não [lhe] dá um copo de água fresca? Que necessidade há de adornar com velas de ouro a mesa, se depois não lhe oferece a necessária veste? Que lucro teríeis? Dizei-me: se visses alguém privado da comida necessária e, deixando-o assim, circundasse de ouro somente a sua mesa, pensas que te seria reconhecido, ou melhor, que se mostraria indignado? E se o visses coberto de farrapos e entorpeci-

²⁹ BENTO XVI, *Sacramentum caritatis*, n. 51 (22 fevereiro, 2007), in *EV 24*, §166.

do de frio, negligenciando de dar-lhe vestimentas, construisse-lhe colunas douradas, dizendo que o faz em sua honra, não se consideraria talvez ridicularizado e insultado em máximo grau? Aplica isso a Cristo, quando vai errante e peregrino, desejoso de um teto. Omite-te de acolhê-lo e, ao contrário, adorna o pavimento, as paredes e os capitéis das colunas; une correntes de prata às lâmpadas, mas não queres nem mesmo olhá-lo quando está acorrentado no cárcere. Não digo isso para impedir-vos de usar tais ornamentos, mas para exortar-vos

em procurar, com aqueles, também estes; ou melhor, porque estes são feitos antes daqueles. Ninguém jamais foi chamado em juízo por não haver feito essas coisas; mas quem negligencia isso é destinado ao inferno, ao fogo inextinguível, e ao suplício junto aos demônios. Por isso, enquanto adornas a casa [do Senhor], não negligencies o irmão atribulado: este é um templo mais purificado do que aquele³⁰.

³⁰ Giovanni Crisostomo, *Omelia* 50,3-4, in *Patrologia Græca* 58, 508-509.

Cadernos Teologia Pública: temas publicados

- Nº 1 – *Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI* – Johan Konings, SJ
- Nº 2 – *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista* – Maria Clara Bingemer
- Nº 3 – *A Teologia e a Origem da Universidade* – Martin N. Dreher
- Nº 4 – *No Quarentenário da Lumen Gentium* – Frei Boaventura Kloppenburg, O. F. M.
- Nº 5 – *Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner* – Érico João Hammes
- Nº 6 – *Teologia e Diálogo Inter-Religioso* – Cleusa Maria Andreatta
- Nº 7 – *Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica* – José Roque Junges, SJ
- Nº 8 – *Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos* – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- Nº 9 – *Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões* – Rudolf Eduard von Sinner
- Nº 10 – *O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso* – Michael Amaladoss, SJ
- Nº 11 – *A teologia em situação de pós-modernidade* – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- Nº 12 – *Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema* – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- Nº 13 – *Teologia e Ciências Sociais* – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- Nº 14 – *Teologia e Bioética* – Santiago Roldán García
- Nº 15 – *Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos* – David Eduardo Lara Corredor
- Nº 16 – *Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento* – João Batista Libânio, SJ
- Nº 17 – *Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- Nº 18 – *Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II* – Paulo Suess
- Nº 19 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 1ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 20 – *A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg* – 2ª parte – Manfred Zeuch
- Nº 21 – *Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo* – Karl-Josef Kuschel
- Nº 22 – *Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs* – Jacques Arnould
- Nº 23 – *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann* – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves

- Nº 24 – *O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica* – Walter Ferreira Salles
- Nº 25 – *A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II* – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 – *Um olhar Teopoético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski* – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 – *Música e Teologia em Johann Sebastian Bach* – Christoph Theobald
- N. 28 – *Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas* – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 – *Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino* – Ana María Formoso
- N. 30 – *Espiritualidade e respeito à diversidade* – Juan José Tamayo-Acosta
- N. 31 – *A moral após o individualismo: a anarquia dos valores* – Paul Valadier
- N. 32 – *Ética, alteridade e transcendência* – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 – *Religiões mundiais e Ethos Mundial* – Hans Küng
- N. 34 – *O Deus vivo nas vozes das mulheres* – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 – *Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica* – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 – *Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois* – Joseph Comblin
- N. 37 – *Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla* – João Batista Libânio
- N. 38 – *O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas* – Peter C. Phan
- N. 39 – *Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo* – Paulo Suess
- N. 40 – *Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha* – Benedito Ferraro
- N. 41 – *Espiritualidade cristã na pós-modernidade* – Ildo Perondi
- N. 42 – *Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta* – Ildo Perondi
- N. 43 – *A Cristologia das Conferências do Celam* – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 – *A origem da vida* – Hans Küng
- N. 45 – *Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga* – Maria Cristina Giani
- N. 46 – *Ciência e Espiritualidade* – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 – *Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana* – Antônio Cechin
- N. 48 – *Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff* – Águeda Bichels
- N. 49 – *Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos* – Karl-Josef Kuschel



Prof. Dr. **Cesare Giraudo**, jesuíta e teólogo, obteve licenciatura em filosofia em 1965, no Instituto de Filosofia “Aloisianum” de Gallarate; bacharelado em Teologia em 1971, na “Faculté de Théologie de Lyon-Fourvière e licenciatura em Teologia em 1972, no “Institut Supérieur de Théologie de Antananarivo (Madagascar), com uma tese intitulada: Da bênção da antiga aliança à Eucaristia cristã. Estudo sobre a permanência de uma forma literária (*Dalla benedizione dell’alleanza antica all’eucaristia cristiana. Studio sulla permanenza di una forma letteraria*). Obteve o doutorado em Teologia em 1980, pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma, com a tese intitulada: A estrutura literária da oração eucarística. Ensaio sobre a gênese de uma forma literária (*La struttura letteraria della preghiera eucaristica. Saggio sulla genesi letteraria di una forma*). A partir de 1966, atuou por um período de dez anos em atividades pastorais em Madagascar. Lecionou teologia sacramental e liturgia na Seção São Luis da Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, em Nápoles, de 1980 a 1996. Foi convidado pelo Pontifício Instituto Oriental de Roma a partir de 1986 para lecionar nos cursos de pós-graduação. Em 1996, foi transferido como professor para a Faculdade de Ciências Eclesiásticas Orientais. Atuou como professor convidado para cursos de liturgia e teologia sacramental: a) no Instituto superior de Antananarivo, em 1982, 1990 e em 1994-95, b) na Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Salesiana de Roma (2000-01), c) na Faculdade de Teologia da Universidade Lateranense (2003-04 e 2005-06). De 1998 a 2005, foi reitor da Faculdade de Ciências Eclesiásticas Orientais do Pontifício Instituto Oriental, Roma. É membro da Associação de Professores de Liturgia. Faz parte do conselho de Diretor da Rivista Litúrgica e da série “Monumenta Studia Litúrgica Instrumenta”.

Atualmente, é professor convidado da Faculdade de Teologia do Sul da Itália, em Nápoles (secção St Louis) no curso sobre a Eucaristia, e pela Faculdade de Teologia na Pontifícia Universidade Gregoriana no curso sobre Batismo, Eucaristia e Crisma em cursos de especialização e licenciatura, e é autor de muitos artigos e diversos livros de teologia e liturgia.

Publicações mais recentes

GIRAUDO, Cesare. *Num só Corpo. Tratado Mistagógico sobre a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Redescobrimo a Eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Admiração eucarística: para uma mistagogia da missa à luz da encíclica Ecclesia de Eucharistia*. São Paulo: Loyola, 2008.

_____. *Ascolta, Israele! Ascoltaci, Signore!. Teologia e spiritualità della Liturgia della Parola*, Libreria Editrice Vaticana, 2008.